



## O “MONUMENTO ÀS BANDEIRAS” REVISITADO: Memória, história, conflito

**Bolsista:** Paula Virginia Bigelli Simões **RA:** 204387

**Orientador:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Meneguello

**Co-orientador:** Prof. Dr. Lindener Pareto Jr.

**Local de execução:** Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

**Vigência:** 01/08/2019 a 31/07/2020

### INTRODUÇÃO

Nos últimos meses, diversas obras foram alvos de pichações, decapitações, amputações, sendo algumas derrubadas e destruídas. Os protestos a favor do movimento *Black Lives Matter* abriram espaço para uma nova onda mundial de contestação de monumentos que legitimam histórias de opressão e que perpetuam memórias conflituosas. Entretanto, essa discussão não é tão nova quanto parece.

Há anos vem-se discutindo as memórias que são defendidas e expostas nas cidades e, por meio dessas, a cidade começa a ser vista com outros olhos, como um espaço de conflito. Paulo César Marins em “Quem tem direito à memória?”<sup>1</sup>, analisa as dimensões envolvidas na concepção de um monumento, questões que tomamos de empréstimo neste trabalho: como objeto de memória, os monumentos lançam um olhar para o passado no qual a obra em questão se refere, ao passado daqueles que encomendaram e que colaboraram com recursos e apoio social para que ela se concretizasse, e também lança um olhar para as memórias dos próprios espectadores que, no presente, de alguma forma, lidaram com essa evocação do passado.

Completa, ainda, que a operação da memória a partir de monumentos e tombamentos é uma forma de poder no mundo atual: (re)contam-se trajetórias sociais, episódios e personagens de maneira seletiva e de forma que as memórias atreladas negativamente ao objeto em questão nunca sejam mencionadas.

Nos últimos anos, sobretudo em função da crítica ao colonialismo e de perspectivas críticas que reivindicam o direito a uma cidade mais democrática, o Monumento às Bandeiras tem sido contestado, sendo palco de protestos e alvo dos mesmos. Pichações, tintas coloridas e inscrições, contestam a aura bandeirante e evidenciam um passado conflituoso e genocida romantizado na hierarquia do monumento.

O monumento de Victor Brecheret consagrou e perpetuou uma imagem, senão falseada, no mínimo controversa e que tem, desde então, dividido a memória da opinião pública, além de ter sido alvo de muitas revisões historiográficas.

Portanto, inseridos na mesma lógica global, os monumentos aos bandeirantes paulistas tencionam histórias e memórias ainda hoje pouco debatidas em termos de manutenção, preservação e tipos de intervenções possíveis no espaço urbano de uma metrópole como São Paulo.

### MATERIAIS E MÉTODOS

---

<sup>1</sup> Webinar promovido pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, no dia 07 de julho de 2020. Participaram da mesma Silvana Goulart, como mediadora, Ábilio Ferreira e Paulo César Garcez Marins, como convidados.



A construção de um monumento como este, marcado política, social e historicamente, atribui à obra o caráter de documento. Sendo assim, possui um testemunho mais relacionado à época de sua execução do que ao período que de fato retrata, propondo um diálogo direto entre as obras construídas no Parque Ibirapuera em prol do IV Centenário de São Paulo, expondo como ponto comum o ser paulista e a representação da identidade dessa população.

Assim, identificando a história como elemento de coesão grupal, “capaz de criar identificação e cumplicidade” (D’ALÉSSIO, 2017, p.42) foram-se desenvolvidos diversos artifícios que atingissem as diferentes classes sociais para que houvesse a constituição de uma consciência nacional<sup>2</sup>. “[...] foi um longo e seletivo empreendimento, no qual se procurou pinçar, no “repertório” do passado, os esclarecimentos que pudessem auxiliar na definição do presente” (Ibid, p.26).

Dessa forma, as preparações para os festejos do Centenário da cidade foram permeadas de arranjos políticos, nos quais a memória da nação já era discutida. “[...] Quanto mais grandiosas fossem as origens tanto mais elas nos tornariam maiores. Somos nós que somos venerados através do passado [...]” (NORA, Pierre apud LIMA, 2017, p.3)

A obra de Brecheret busca expressar, por meio da caracterização dos diversos personagens que participaram das Bandeiras, a realidade das jornadas pelos sertões e pelos rios em função da expansão do território. Dessa forma, o autor cria 37 personagens anônimos representando as diferentes etnias que fizeram parte deste processo histórico: os brancos, detentores do controle do processo das bandeiras; os índios, chamados como parte do trabalho subjugado e processo de mestiçagem, dando origem aos mamelucos; os negros, representando exclusivamente a força motriz, empurrando as canoas; além de incluir também seu autorretrato, representando os imigrantes.

A atuação dos bandeirantes vai além da expansão do território, abrangia também a busca por metais preciosos, a contenção de revoltas, a destruição dos quilombos, além da captura e comércio de índios e escravos (ZIMOSKI, 2017, p.4). No que diz respeito aos últimos pontos, vale ressaltar, como bem coloca Paulo César Marins, que a escravização de populações indígenas cristianizadas era proibida pela coroa portuguesa e espanhola a partir da década de 1730, portanto os personagens iconizados e denominados como “heróis paulistas” eram homens que sequer seguiam as leis de seu tempo: “eticamente comprometidos hoje, mas sobretudo legalmente comprometidos no passado”.

Portanto, a partir da análise do próprio monumento como fonte primária, de teses, dissertações, artigos de revistas e livros para completar o repertório teórico necessário para o entendimento de tal obra e sua história; bem como a busca de notícias de jornais e revistas da época, e pronunciamentos de figuras públicas a respeito do monumento e como o mesmo é percebido; da apuração de todas as intervenções, autorizadas e não autorizadas pelo Estado, encontradas desde sua

---

<sup>2</sup> Os textos de historiadores influenciavam principalmente as elites “bem educadas”; mas as comemorações dos “fatos da pátria”, as novelas históricas, os feriados nacionais, as exposições, a construção de museus, monumentos e símbolos, essas tinham o objetivo de promover a integração das camadas mais populares (GUIMARÃES, 2017, p.18).



inauguração pretende-se discutir sua plurissignificação no espaço urbano e os conflitos de memória acerca do monumento.

## DISCUSSÃO

Uma vez discutida a concepção, trata-se agora de percorrer as várias formas de intervenção no Monumento, analisando qual o caráter das intervenções autorizadas pelo Departamento de Patrimônio Histórico (DPH) e das não autorizadas, tentando criar um paralelo com o contexto social e político experienciado no momento, para, então, discutir quais memórias disputavam o imaginário da cidade.

Foi realizada uma extensiva busca nos jornais das décadas de concepção, execução e inauguração do monumento, através do acervo digital da Biblioteca Nacional, entretanto não foram encontradas intervenções no monumento até o final de década de 1980.

## CONCLUSÕES

A partir das análises do contexto histórico, político e social das intervenções apontadas no quadro acima, é possível concluir que a grande maioria das intervenções no monumento não são autorizadas pelo Departamento de Patrimônio Histórico e também ocorrem em momentos de tensão e conflito, como manifestações e protestos contra políticas do Estado, que também são momentos em que as memórias que disputam o imaginário da cidade se confrontam.

As ações autorizadas pelo DPH, com exceção da mais recente (projeto “Vozes contra o Racismo”) mostram uma postura da governança de fazer intervenções de caráter superficial e sem cunho histórico, questionador ou revisionista. Apenas exaltando o monumento, e por consequência sua história e memória defendidas pelos personagens e grupos que requisitaram a concepção da obra no passado, ou fazendo campanhas de conscientização no marco da cidade.

Por fim, a última intervenção revela a mudança de postura por parte do Estado, uma vez que traz o viés de revisão da história contada pelo monumento, trazendo à luz narrativas dos grupos subjugados e explorados pelas ações do bandeirantismo, lidando de forma mais proativa na revisão dos personagens homenageados na cidade.

Faz-se claro o paralelo entre os momentos de efervescência política nacional e internacional e as intervenções e manifestações no monumento, sendo ele tratado como tela para a expressão de diferentes grupos, ora questionando seu pano de fundo, ora corroborando com sua pintura.

Essas expressões no monumento trazem a tona uma discussão de longa data referente ao futuro dessas estátuas, discussão essa que divide a opinião do público e dos especialistas. O que fazer com esses patrimônios marginais? Muitos defendem a permanência inalterada dessas obras; uns defendem a retirada destes de seus locais e levada para museus, deixando clara a visão de “depósito de indesejados” que estes estabelecimentos têm; outros defendem a destruição total dessas obras e, por fim, outra parcela defende que estes monumentos devam permanecer na cidade e devam ser contestados de alguma forma, trazendo a tona as outras narrativas negligenciadas pela obra.

A exclusão desses patrimônios marginais do imaginário da cidade elimina a rememoração desse passado no dia-a-dia, removendo a oportunidade de



contestação da história do monumento, da cidade e do próprio país que ainda tem muita dificuldade de debater sobre suas maiores tragédias, dentre elas, a escravidão e sua herança no presente. “*Não é o apagamento do patrimônio difícil que fará com que acertemos as contas do passado*” (MENEGUELLO, 2020)<sup>3</sup>.

Por fim, as intervenções no Monumento às Bandeiras lançam nosso olhar sobre a ausência de reparação histórica ou justiça com esses grupos marginalizados, explorados e oprimidos, que ainda vivem as sequelas deste “passado que não passa”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### - Periódicos

ABUD, K. M. . Paulistas, uní-vos!. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, p. 25 - 29, 01 jul. 2008.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Especialistas comentam derrubadas de monumentos e estátuas pelo mundo (Notícia). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/especialistas-comentam-derrubada-de-estatuas-pelo-mundo/>. Publicado em: 16 jun. 2020. ISSN: 2674-5917. Acesso em: 8 jul. 2020.

MENESES, Ulpiano. **A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 9-23, 31 dez. 1992.

MICELI, Sérgio. SPHAN: refrigério da cultura oficial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Preservação/Problemática Geral. São Paulo. nº 22. p.44-47. 1987.

### - Teses, Dissertações e Artigos

ALEIXO, Cynthia Augusta Poletto. **Edifícios e galerias comerciais: Arquitetura e comércio na cidade de São Paulo, anos 50 e 60**. 2005. 268f. Dissertação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia Civil de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

MARINS, Paulo César Garcez. **O Parque Ibirapuera e a Construção da Identidade**

MENEGUELLO, Cristina; BORGES, Viviane. Patrimônio, memória e reparação: a preservação dos lugares destinados à hanseníase no estado de São Paulo. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 14, n. 2, p. 345-374, jul-dez, 2018. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/771/1055>. Acesso em: 25 set. 2020.

MOURA, Irene Barbosa de. **A cidade e a festa: Brecheret e o IV Centenário de São Paulo**. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. **Paulista**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS, 25. São Paulo: CERU, 20 maio 1998 e 08 set 1998. Anais do Museu Paulista. p. 9-36.

RIBEIRO, Ana Carolina Fróes. **O monumento duque de caxias: tradição, nacionalismo e modernidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos. 2006.

VALVERDE, R. (2018). **O sentido político do Monumento às Bandeiras, São Paulo: condições e oportunidades para a multiplicação de narrativas a partir da transformação do espaço público**. PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades, 1 (2), 29-40. DOI: <https://10.26512/patryter.v1i2.10117>. Acesso 14 set 2020.

<sup>3</sup> Frase retirada de sua fala no Webinar “Memória e Patrimônio Cultural: o que a pesquisa história tem a dizer?”



WALDMAN, Thaís Chang. **Entre batismos e degolas: (des)caminhos bandeirantes em São Paulo**. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ZIMOVSKI, Aduany Pieve. **Bandeirantes Assassinos: Representação e Invisibilidade**. 5 f. Tese (Mestrado em História, Teoria e Crítica da Arte) - Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

- *Livros*

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo. SESC: Annablume. 1997.

Museu Paulista da Universidade de São Paulo. **O museu paulista e a gestão de Afonso Taunay: escrita da história e historiografia; séculos XIX e XX**. São Paulo. USP, 2017. 191 p.

- *Webinars e Documentários*

FERREIRA, Abilio; MARINS, Paulo César Garcez; GOULART, Silvana. **Quem tem direito a memória?** Webinar. 07 jul. 2020. Facebook: Fundação Fernando Henrique Cardoso. Disponível em: <https://www.facebook.com/fundacaoFHC/videos/567267470817305/>. Acesso em 01 set. 2020.

GRYNSZPAN, Mario; POSSAMAI, Zita; MENEGUELLO, Cristina; KNAUSS, Paulo. **Memória e Patrimônio Cultural: o que a pesquisa histórica tem a dizer?** Webinar. 17 set. 2020. Youtube: Instituto de História UFF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r9IN8ATkAVY>. Acesso em 28 set. 2020.

**OUTRAS Panorâmicas**. Direção: Sergio Roizenblit e Paulo Von Poser. São Paulo, 1989. Disponível em: <https://vimeo.com/101765419>. Acesso em: 15 mar. 2019.